

EPISÓDIO DA VIDA DE

---

TIBÉRIO

---



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 – CEP 13360-000 – Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 📞 | Claro (19) 9 9317-2800 | Tim (19) 9 8335-4094

vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

J. W. ROCHESTER  
VERA KRYZHANOVSKAIA

EPISÓDIO DA VIDA DE

---

---

TIBÉRIO

---

---

Tradução: Cristina Florez

CAPIVARI-SP · 2018

© 2018 Editora EME

Todos os direitos desta tradução são de exclusividade da Editora EME, cedidos pela tradutora, Cristina Florez.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição – dezembro/2018 – 5.000 exemplares

TRADUÇÃO | Cristina Florez

REVISÃO | Rubens Toledo

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | vbenatti

Ficha catalográfica

Rochester, J. W. (espírito)

Episódio da vida de Tibério / pelo espírito J. W. Rochester; [psicografado por] Vera Kryzhanovskaia - Tradução de Cristina Florez - 1ª ed. dez. 2018 - Capivari, SP : Editora EME.

192 p.

ISBN 978-85-978-85-9544-085-2

1. Obra mediúnica. 2. Relatos sobre a vida e Tibério. 3. Dominação romana.  
I. TÍTULO.

CDD 133.9

# SUMÁRIO

Prefácio .....	7
John Wilmot .....	13
Episódio da vida de Tibério - (ditado por ele mesmo) .....	15
Relato de Lélia .....	35
Relato de Veleda .....	67
Relato de Astartos .....	143



## PREFÁCIO

**D**esconhecido enquanto espírito, esquecido pela História, na qual desempenhei modesto papel, aparto-me novamente da vida espírita, que retomou minha individualidade, após a morte de meu corpo físico.

As almas que habitam o espaço, entre a Terra e a atmosfera, conquistaram o direito de cidadania junto a vocês, com o auxílio das sociedades espíritas. Por isso, ressurjo entre vocês, com a finalidade de semear o bem e, junto a tantos outros, ensinar aos homens a existência desta lei de redenção:

“Que cada um deles, após a morte do corpo, tornará a viver, novamente, na erraticidade, no estado de alma desencarnada; que o homem que não houver desejado se regenerar, a partir do amparo da crença renovadora na imortalidade da alma, e que não tenha feito senão satisfazer seus apetites sensuais e inferiores, será, pela morte física, repellido para mundos inferiores, nos quais a vida é obscura, a fim de combater, ao longo de séculos, a dúvida que acalentou acerca de sua existência pessoal e real no estado de espírito; e que o espírito realmente estudioso, instruído e moral, após haver deixado seu corpo físico, a ele retornará

com a consciência bem nítida e completa de sua existência espiritual.”

Allan Kardec, conduzido por nós, pôde traçar, fielmente, o caminho que o encarnado deve seguir. Sob nosso estímulo, ele concretizou nossos ensinamentos, fundou uma doutrina em concordância com o bom-senso e a razão, e provou a existência da vida além-túmulo. Dessa maneira, ele pôde conquistar milhares de adeptos a essa ordem superior e racional.

Esta filosofia, por tão admirável – se bem que um tanto seca e fria na forma que ela precisou assumir, porque não se pode modelar, especialmente, pela narrativa movimentada de uma ou de várias vidas de homens conhecidos e pintá-los tal qual foram, com suas fragilidades e ódios, com suas aspirações pelo bem ou com sua queda no mal; não pôde mostrá-los após a liberação do espírito, obrigados a deixar os mundos fluídicos, para renascer na Terra e no mesmo ambiente, no contato com seres humanos que lhes foram familiares e junto aos quais tiveram que quitar seus débitos –, deverá ajudar, de maneira poderosa, a melhor compreender o que é o espiritismo, essa lei de solidariedade.

Por intermédio de uma médium que formei, objetivei demonstrar, de forma certa, que, pela doutrina da reencarnação, os espíritos podem alcançar o topo da escala da perfeição.

Os dramas terrestres, que aqui descrevo, são reais e vivos. Neles desempenhei meu papel. A título de ator, escolhi a vida das pessoas que me foram caras e a de pais com os quais convivi nas diversas etapas de minhas existências sucessivas. Num século histórico, faço desfilarem



os personagens principais, que se combatem cegamente, guiados pela lembrança instintiva de um passado, no qual odiaram ou amaram. Anotei as mudanças que se produziram, pouco a pouco, através de suas vidas de provas e expiações.

Àquilo que foi revelado a Allan Kardec e a seus médiuns, pelos espíritos superiores, juntei fatos exemplares, que dão uma complementação positiva àquilo que não pôde ser explicado muito claramente, na minha visão particular. Dando mais vida à nossa filosofia tão verdadeira e tão consoladora, talvez eu possa fazer vibrar, um pouco mais, o *eu* divino.

Nossos leitores assistirão à morte violenta de altos dignitários romanos, cujas sensações, no momento da passagem de suas almas a outra existência, descrevo em fases diferentes.

Os atores deste drama múltiplo relataram-me acontecimentos notáveis, seja como espíritos desencarnados, no comando de suas faculdades intelectuais, seja como espíritos encarnados, em estado de sono natural, momento esse em que a alma desfruta, parcialmente, de sua liberdade. Sou o narrador exato e sincero desses relatos diversos e dito, aos nossos amigos de São Petersburgo, por intermédio de minha médium.

Cada espírito conserva sua individualidade, seu talento próprio nesta obra, da qual uma parte é transmitida a um grupo de homens instruídos e de condição elevada. Na parte transmitida em Paris, desempenho o papel modesto do gladiador *Astartos*.

Quanto ao imperador Tibério, que é um ser ativo em todos esses relatos, é uma personagem que vive, atual-

mente, na Terra. As demais personagens estão encarnadas ou no estado de espíritos, mas seus guias espirituais os reencontraram facilmente, e todos confessaram, com franqueza, o que tinham sido, dando a conhecer os lugares mais recônditos de suas almas. Acima de tudo, esses espíritos desejam ser úteis a seus irmãos em humanidade.

Desta obra sincera, retiro o que é supérfluo. Atenho-me, sobretudo, àquilo que nos ensina a doutrina espírita e creio que a verdade simples e dura basta a esses relatos históricos. As paixões, os crimes, os sentimentos de cada personagem são revelados, friamente estereotipados a partir de sua confissão, tendo, cada um deles, se sentido no dever de declarar, sem misericórdia, os motivos que os levaram a agir com tanta brutalidade e ferocidade.

O estado da alma, após a morte, foi particularmente descrito, em minúcias, para a instrução dos espíritos encarnados e desencarnados, que devem conhecer a verdade.

Diversos relatos completarão a obra que me impus, e um deles, o último a ser narrado, ao qual dei o título de “Um Espírito Errante”,<sup>1</sup> conterá a descrição do Mundo dos Espíritos. Ele provará que as almas aí se encontram numa atividade incessante. Aí se poderá encontrar, enfim, o relato da última encarnação dos atores desse drama secular, os quais se encontram, atualmente, juntos na Terra. Sou o espírito protetor de um deles.

Termino meu prefácio, recomendando-me à administração da *Sociedade Científica do Espiritismo*, em Paris.

---

NE. Esse relato a que se refere Rochester não faz parte desta obra. Seria uma história publicada posteriormente.

Um membro invisível escolheu-a como representante na Terra, e espero que, após ter lido minha obra, essa sociedade compreenda que desejo, ardentemente, o progresso moral dos homens. Espero, também, que um grande número de pessoas esclarecidas acerca de nossa doutrina, por esta obra, que tem a forma atraente de romance, tornem-se adeptas do espiritismo, declarando-se nossos irmãos na fé.

**John Wilmot, conde de Rochester**



# JOHN WILMOT

**J**ohn Wilmot, conde de Rochester, homem da Corte e poeta inglês, filho de Henry Wilmot, célebre por sua fidelidade aos Stuart, nasceu em 1648. Apresentou-se à Corte de Charles II aos 18 anos, onde obteve os maiores êxitos por sua graça e perspicácia. Demonstrou uma coragem a toda prova, combatendo por mar na guerra da Holanda (1665 e 1666), o que não o impediu de, mais tarde, rejeitar um duelo.

De espírito cáustico e mordaz, desagradou muitas vezes a Charles, como a toda a Corte, por seus gracejos que a nada respeitavam, nem mesmo à Família Real. Mais de uma vez ele foi exilado, tendo sabido, sempre, como recobrar o perdão.

Seus princípios eram infames, e ele jogava com a honra das mulheres. A libertinagem fez com que envelhecesse antes do tempo, vindo a falecer em 1680, aos 33 anos de idade.

Nos últimos dois anos de sua vida, ele demonstrou muita piedade e um arrependimento sincero em relação à vida mundana e dissipada, que acabou por conduzi-lo, prematuramente, ao túmulo.

Ele deixou poesias repletas de talento e que prenunciavam um grande poeta. A maior parte delas é sátira.

Igualou-se, neste gênero, a Horácio e Boileau, que ele tomara por modelos. Suas poesias, reunidas às de Dorset, Roscommou etc., foram publicadas em Londres, em dois volumes, em 1774.



# EPISÓDIO DA VIDA DE TIBÉRIO

(DITADO POR ELE MESMO)







**D**itei o que se segue a Rochester, rogando-lhe que o transmitisse ao espírito que conheço e com o qual tenho reencontrado ao longo de muitas existências. É com o maior desprazer que falarei sobre uma existência, que me retrata em dias muito vis.

Mas escrevo este episódio de minha vida para o espírito daquela que, então, era Lélia, e sei que muitos lerão, com muito interesse, este relato feito pela boca do próprio Tibério, e não da personagem descrita pelos historiadores.

Meu reino, minha vida e a de meus contemporâneos pertencem à História. Mas aqueles que a escreveram, acrescentaram tanta coisa, tanto desvirtuaram e retificaram os fatos, sob a impressão do momento, que, de a maior parte dos homens que viviam, então, nada restou de verdadeiro, exceto os nomes.

Tenho vergonha do passado, agora que séculos e vidas expiatórios me tornaram mais dócil e mudaram tudo em mim. A simples lembrança de minha maldade e crueldade me faz estremecer.

No episódio, que irei narrar, abusei de meu poder, dando larga vazão à minha crueldade sobre uma mulher indefesa, que o acaso da guerra trouxe às minhas mãos.

Eu desejava ser amado; todavia, jamais consegui esse resultado, que busquei, ao longo de séculos, com toda teimosia tenaz de meu caráter. Esperava que minha maldade vencesse o limite de sua resistência, que minha crueldade a dobrasse. Todos meus esforços foram em vão, pois jamais consegui domá-la.

Eu tentava encontrar sempre, sob os traços extenuados daquela mulher, um sinal de que suas forças e seu orgulho tivessem chegado ao limite. Mas, por mais infeliz, por mais maltratada que fosse, ela jamais cedia, e respondia-me, sem cessar: “Mate-me! Você não poderá fazê-lo uma segunda vez!”

Aquela resistência me enfurecia a tal ponto, que eu seria capaz de matá-la. Mas ela sempre preferira a morte! Assim prossegui o combate de séculos, não pela posse de seu corpo, que meu poder me garantia, mas pela posse de sua alma, que nada era capaz de conquistar.

Eu era ainda o herdeiro da Coroa, na época em que se desenrola esse episódio de minha vida. Vida sinistra, na qual morri como havia nascido.

Eu fazia, então, a guerra na Germânia, mas a campanha havia terminado. Fomos vencedores e eu me retirava de um campo entrincheirado, a fim de aguardar até que nos reuníssemos a algumas legiões, ainda retidas pelos inimigos.

Divertíamos-nos no campo: bebida e libertinagem, com as belas prisioneiras, faziam com que o tempo transcorresse de maneira prazerosa. Eu, frequentemente, dava festas em minha tenda, armada no centro do campo e decorada com o luxo fabuloso da época. Tudo quanto havia de mais precioso tinha sido esbanjado, para enfeitar a habitação do herdeiro do trono.

Eu tinha, então, quase 40 anos e era insaciável por prazeres. Certa noite, havia reunido em minha tenda os chefes das legiões, os tribunos e outros comandantes do exército. Junto a mim, estavam, de um lado, minha bela favorita, Febe, e, do outro, Séjean, meu homem de confiança. Meus guardas pretorianos, imóveis como estátuas de bronze, guardavam o interior e o exterior de minha morada.

Naquele momento, vieram anunciar que uma das legiões retardatárias chegava, trazendo grande número de prisioneiros.

- Há muitas mulheres? - eu logo quis saber.

Séjean pôs-se a rir e me disse:

- Você ainda não tem mulheres suficientes? Não sabemos o que fazer das que se encontram aqui! Em breve, será necessário enforcá-las ou queimá-las, pois não temos como alimentar tamanha quantidade delas e transportá-las com o exército.

Mas o centurião tinha me dito que não levávamos mais do que três mulheres. As outras já haviam morrido ao longo do caminho, de fadiga ou nas mãos dos soldados. De três que transportávamos, duas eram idosas, em vias de morrer. A terceira era uma jovem, noiva de um chefe germânico, de nome Hildérico.

O centurião tinha acrescentado que aquela prisioneira era uma diabinha, e que haviam tido muita dificuldade em trazê-la. Ela tinha participado do combate, mas ao ver que tudo estava perdido e os seus, derrotados, entregara seu cavalo ao noivo, que fugira, tendo ela se deixado prender. Ao longo do trajeto, ela tinha tentado se matar por diversas vezes. Mas, como era jovem e bela,

haviam decidido mantê-la viva, a fim de que eu pudesse decidir sua sorte.

- Está bem - eu respondera. - Decidirei e, caso ela não me agrade, Séjean poderá ficar com ela. Tragam-na até aqui!

Alguns instantes mais tarde, a portinhola de minha tenda se abriu e escravos trouxeram, nos braços, uma mulher que se colocou em pé, à minha frente. Fitei-a e meus olhos permaneceram cravados nela, como que fascinados. Sem dúvida, o passado estava apagado. O homem Tibério não se recordava de nada, mas sua alma acabava de reconhecer sua fatal antagonista de diversas existências.

A jovem, que permanecia em pé, à minha frente, não era uma beleza clássica, nem era o puro tipo germânico. Ela parecia, antes, resultado de uma mistura de raças. Muito esbelta, de estatura mediana, seu rosto pequeno e redondo tinha uma aparência muito refinada. Seus olhos grandes, de um azul acinzentado, de um brilho metálico, tinham uma expressão semelhante à de um tigre. Muita obstinação e um ódio feroz contra mim, ali estavam retratados.

Ela não baixara a cabeça como as demais prisioneiras, em cujos semblantes podia-se ler, claramente, o medo e o desespero. Não! Com a cabeça bem erguida, ela me fixava, repleta de ódio e ousadia. Eu estava tão atônito, quanto interessado. O que lhe daria tanta segurança, ou, quem sabe, ela ignorava diante de quem se encontrava?

Trajava um vestido de lã branca, sujo devido ao transporte, e um casaco azul, que lhe caía sobre os ombros. Suas mãos estavam acorrentadas. Notei, logo ao primei-

ro olhar, que ela estava horrivelmente fatigada, e uma brancura mortal se estampava em seu rosto bonito. Ela, contudo, mantinha-se de pé, ar insolente, como se nada tivesse a temer. Aquilo me revoltou.

- Sabe diante de quem você está? - indaguei. - Por que não me pede clemência, de joelhos, como as outras prisioneiras?

Foi, então, que ela provou, sem titubear, que sua língua não estava acorrentada como suas mãos.

- Só peço clemência aos deuses - respondeu. - Nunca a um tirano como você. Mate-me, pois não me pode fazer nada pior do que isso. Perdi tudo e nada mais me prende à vida.

Até aquele momento, jamais encontrara mulher tão ousada, que falava como se comandasse.

- Cale-se! - gritei. - Ninguém está pedindo sua opinião. Você fará, conforme for ordenado.

Um sorriso de desdém desenhou-se nos lábios da prisioneira.

- Pois, ordene - ela disse -, e verá se eu obedecerei! Você pode fazer tudo, me bater, me torturar, me matar, que jamais obedecerei a você.

Meu interesse havia chegado ao auge: aquela criatura frágil, que mal se mantinha em pé, falava como um gigante. Percebi, também, que seu semblante era encantador e que sua obstinação feroz combinava, de modo admirável, com seus traços infantis.

- Sou Tibério! - disse-lhe. - Meu nome deve ser familiar a você e aos seus! Eu vou lhe ensinar, não apenas a me obedecer, mas também a me amar, pois decidi que vou ficar com você.

Voltando-me para Séjean, que aguardava, ansioso, minha decisão, disse:

- Não se preocupe mais com esta situação. Você não teria força suficiente para domar esta jovem tigresa. Eu mesmo o farei. E quanto a você, Febe, nem ouse ficar enciumada. Conheço bem você, mas, se fizer cair um único fio de cabelo da cabeça desta jovem, mandarei decapitá-la. Dou minha palavra que o farei e você sabe que nunca volto atrás. Não cederei a outra pessoa a glória de domá-la. Eu mesmo o farei! E, para tanto, lembrem-se bem todos vocês, a quem eu a confiarei: terão a cabeça cortada, caso o mais leve mal seja infligido a ela, ou caso ela fuja. E agora, abra espaço à prisioneira, Febe, para que ela possa sentar-se e comer, pois é a duras penas que se mantém de pé.

- Quanto a você, mocinha - eu disse, dirigindo-me à prisioneira -, será preciso que me ame. Trate de não se esquecer disso. Qual é seu nome?

Ao invés de responder, ela virou a cabeça para o outro lado, em silêncio.

- Qual é seu nome? - tornei a perguntar. Silêncio...

- Como é que você se chama? - gritei, furioso.

- Para você, eu não tenho nome. Entende? - ela disse, por fim. - Deixei para trás tudo: nome, pátria, pais, noivo, amor. Aqui, sou um objeto sem nome, e aquele nome, que todos os meus queridos pronunciaram, você jamais há de saber.

- Ah, eu mandarei surrá-la até a morte, se você não responder - esbravejei.

- Por que é que você fala tanto, ao invés de agir?  
- respondeu a diabinha, cujo olhar feminino já havia

encontrado o ponto fraco, que ela conseguira atingir em mim.

Eu estava petrificado! Mulher alguma ousara dizer-me coisa semelhante.

- Acredita que seus berros me assustam? - ela prosseguiu, então. - Você pode me matar. Se você me mandar surrar, morrerei mais depressa, uma vez que minhas forças me abandonam. Com meu cadáver, você fará tudo que quiser, até mesmo um prato, com o qual poderá faltar-se.

Levantei-me e bati com o pé contra o chão.

- Como é que você ousa me responder dessa maneira, insensata? A mim, o futuro imperador! Esmagarei você com meu poder, sua tola!

Ela não baixava a cabeça e me fixava, insolente.

- Faço uma ligeira ideia de seu poder e ele pouco me impressiona. Mostre-me esse poder, pois tudo que vejo é que você se encoleriza demais.

Ordenei, àqueles que a haviam trazido até mim, que a deixassem ao meu lado.

- Quanto a você, mocinha - eu lhe disse -, aproxime-se. Fique junto ao meu assento. Você irá segurar minha taça.

Ela se aproximou, apanhou a taça, que uma escrava acabara de encher e, inclinando-se, na minha direção, verteu o conteúdo sobre minha cabeça.

Não sabia mais o que fazer! Por semelhante crime de lesa-majestade, eu deveria matá-la. Não poderia, mesmo, inventar outra punição. Febe chorava de rir, enquanto repetia:

- Mas é louca essa tigresa!

Fiz com que me enxugassem, levantei-me e aproximei-me dela, braços cruzados.

- O que foi que você fez? - perguntei. - Está no seu juízo perfeito?

- Sim - ela respondeu. - Sou filha de um chefe e não me prestarei, jamais, a ser serva, nem mesmo de um futuro imperador.

- Ah! - exclamei. - Você se nega por orgulho. Pois muito bem: pretendo que você faça o que eu mandar.

- Deixe-me em paz - ela disse. - Mande me enforcar, queimar ou afogar, conforme sua preferência, mas que tudo isso acabe.

Notei seu desejo de morrer.

- Não - revidei. - Daqui em diante, iremos nos amar.

Pela primeira vez, ela recuou, aterrorizada. Será que havia se esquecido do poder que eu tinha sobre as prisioneiras? Repentinamente, ela me disse, com a voz muda e desiludida:

- Deixe-me morrer com honra. Sou a noiva de Hildérico, e você tem muitas prisioneiras, para satisfazer sua luxúria e crueldade. Não quero mais viver. A morte é o único favor que lhe peço!

Ah, então ela amava o tal Hildérico, cuja coragem eu já tinha ouvido ser exaltada. Aquele pensamento me fez endurecer ainda mais.

- Nada de morte - eu disse. - Você viverá e há de me amar, por bem ou por mal.

Ela pôs-se a rir alto.

- Amar você? Você é tão feio, com sua cabeça e seu rosto raspados! Jamais viu Hildérico. Você não pode sequer imaginar um homem como ele.



Diante daquela resposta, digna de um selvagem, os únicos semblantes a permanecerem impassíveis foram os dos guerreiros. Uma estranha expressão de constrangimento estampava-se no rosto dos outros convivas.

Mais uma vez fiquei estupefato, pois acreditava ser muito belo. Naquele exato instante, ela cambaleou, e teria caído, se eu não a tivesse amparado. Coloquei-a perto de mim e, somente então, vi que ela trazia uma atadura ensanguentada, na altura do coração. Lancei um olhar para seus guardas, que empalideceram. Eles me disseram que ela havia tentado se matar e que havia quatro dias recusava-se a comer.

Experimentei um verdadeiro pavor de vê-la morrer em minhas mãos, antes que eu tivesse conseguido domá-la, fazendo dela uma mulher dócil, que me julgasse belo.

- Você vai me pagar por isso! - bradei.

Derramei vinho em sua boca, e ela acabou por recobrar os sentidos. Mas estava tão fraca, que apenas se movia. Conduzi a jovem ao meu palácio, em Roma, e instalei-a num apartamento, cuja chave permanecia sempre em meu poder. Eu mesmo levava a comida até ela, mas ela se recusava a tocá-la. Só consegui forçá-la a comer com um chicote em punho.

Ela já se havia tornado minha amante. Mas jamais tivera outra tão rebelde. Era uma vida estranha. Ela me detestava a tal ponto, que só comia de olhos fechados. Eu desejava ser amado, mas não o conseguia, a despeito de toda minha severidade. Eu já a havia deixado sem comer, já a acorrentara à própria cama, privara-a de ar e de movimento, mas nada conseguira. Ela sempre respondia, às minhas palavras, com um silêncio repleto de desprezo.

Caso eu lhe dissesse: “Se você não se tornar mais amável, não voltarei a aparecer, a menos que me peça de joelhos”, ela nada respondia.

Os dias passavam, e eu me sentia forçado a voltar para junto dela. Certa vez, tive que me ausentar de Roma por oito dias. Deixara a chave do quarto dela com um dos meus criados, com a ordem de levar-lhe o que comer. Mas logo desisti de tudo aquilo e, por uma razão qualquer, mandei que cortassem a cabeça do criado, que guardava a chave.

Quando retornei, foi necessário arrombar a porta, e encontrei a jovem infeliz quase morta de fome. Ela devia ter passado horas terríveis, tinha as vestes em frangalhos, as argolas de ferro das correntes que a prendiam estavam profundamente enterradas em sua carne, e ela estava coberta de sangue. Sem dúvida, tinha tentado soltar-se dos elos e não o conseguira.

Somente depois dos maiores esforços foi que conseguimos trazê-la de volta à vida, e eu tratei, então, de ser mais indulgente para com ela. Mas, nada lhe aplacava a insolência.

Fui, então, apegando-me a ela, mais e mais. O ódio declarado, que ela demonstrava ter por mim, aquela resistência de todos os instantes excitavam, prazerosamente, meus nervos cansados. Eu a visitava todos os dias e a levava, com frequência, para passear, se bem que ela preferisse sua cela ao ar puro, em minha companhia.

Quase um ano se passou. Naquela época, diversos homens, que rondavam a parte do palácio onde o aposento de Lélia se encontrava, parecendo suspeitos aos meus guardas, foram presos. Fiquei sabendo que eles

tinham vindo a Roma numa embarcação, e ordenei que fossem trazidos à minha presença, a fim de interrogá-los pessoalmente.

Eu tomava ar num terraço e, junto a mim, Lélia deitava-se sobre almofadas. Os prisioneiros surgiram. O primeiro era um homem grande, de notável beleza. Longos cabelos loiros caíam-lhe sobre os ombros e seus grandes olhos azuis brilhavam, cheios de orgulho e energia. Ao avistar Lélia, ele deixou escapar um grito de alegria, que tentou disfarçar, desviando o olhar.

Eu sabia que aqueles homens eram germânicos, e uma vaga desconfiança despontou em mim.

- Como você se chama? - perguntei.

Ele alteou a cabeça. Cheio de altivez, já abria a boca para pronunciar o nome, quando seus olhos tornaram a fixar Lélia. E ele calou-se. Voltei-me, rapidamente, a tempo de perceber o gesto súplice que ela lhe endereçava, a fim de que se calasse.

- Ah! - pensei. - Trata-se do tal Hildérico, que é mais belo do que eu!

Ele recusou-se a dizer o próprio nome, mas, recorrendo à tortura, acabei por saber, através de seus companheiros, que eu não me tinha enganado. Era mesmo Hildérico, que eu tinha em meu poder.

Mantive Lélia presa a sete chaves e ordenei que matassem Hildérico, da seguinte forma: fiz com que o enterrassem até o pescoço, deixando-lhe a cabeça exposta ao sol. Foi erguido um muro circular de pedras e, nessa cova, mandei que jogassem ratos, que haviam permanecido sem comer por três dias. Eles se puseram a roer o belo Hildérico com a fúria dos esfomeados, coisa que

pude apreciar, através de uma abertura, que ordenei fosse providenciada para mim. Lélia estava em desespero e queria ver Hildérico, a todo custo.

Então, para me vingar de suas insolências, eu a conduzi até aquele local e levantei-a, de maneira que pudesse passar a cabeça pela abertura. Ao ver Hildérico sem nariz, sem orelhas, sem lábios ou faces, desfigurado, horrível, odioso de ser contemplado, ela permaneceu como que aniquilada.

- E, então? - inquiri. - Ainda sou mais feio do que ele?

Lélia, que, por princípio, nunca respondia às minhas perguntas, voltou-se para mim e, naquele momento, fiquei positivamente aterrorizado com a expressão de seu rosto. Seus olhos estavam injetados de sangue, espuma saía-lhe da boca, e ela lançou-se sobre mim como um animal selvagem, desejando me estrangular. Seus dedos enterraram-se em meu pescoço, como pinças de ferro, e meus guardas tiveram grande dificuldade para arrancá-la de mim.

Logo após aquele segundo crime de lesa-majestade, um conselho se reuniu, no qual ordenei que a lançassem aos animais do circo, por ocasião da primeira representação. Mas eu me havia apegado a ela de tal modo, que mal deliberara a sentença e já começava a me arrepender. Parecia que vê-la ser despedaçada pelas feras não seria vingança suficiente. Eu seria capaz de puni-la bem mais duramente.

No entanto, minha dignidade não permitia que eu me retratasse e lhe concedesse clemência, por vontade própria. Fiz com que ela fosse informada de que, se

viesse pedir-me perdão de joelhos, publicamente, eu a perdoaria. O gladiador Astartos, que deveria vigiá-la até o dia do espetáculo, foi encarregado dessa negociação. Tive diversas conversas com ele sobre esse assunto, mas como se tratava de um rapaz muito belo, meu ciúme começou a agitar-me e eu lhe disse que ele deveria evitar demonstrar muita compaixão diante da prisioneira, sob risco de morte.

Disse-lhe que eu estava farto daquele ser ingrato, a quem eu concedia uma clemência fora dos padrões, ao propor uma condição para que recebesse meu perdão. Ela mandou me dizer, por Astartos, que preferia mil vezes a morte ao meu perdão. Fiquei fora de mim.

No dia seguinte, dirigi-me ao circo. Mal me acomodara em meu camarim, quando fui tomado por um sentimento doloroso, ao pensar em Lélia, que estava prestes a ser despedaçada e devorada.

Os gladiadores foram os primeiros a surgir e se posicionaram na arena. A seguir, uma pequena porta se abriu e Lélia entrou. Estava inteiramente trajada de branco e um cinto de prata marcava sua cintura. Ela havia soltado a soberba cabeleira loira e colocado uma guirlanda de flores na cabeça. Eu ordenara que lhe fosse dado tudo quanto ela quisesse, e ela desejara trajar-se daquela maneira, para morrer.

Entretanto, no momento decisivo, sua coragem pareceu fraquejar, pois ela apoiou-se contra a parede e cobriu o rosto com as mãos. Foram retiradas, naquele momento, as barras de ferro de uma das jaulas, e um tigre gigantesco lançou-se arena adentro, rugindo. Lélia lançou um grito e caiu de joelhos, não voltada para

mim, mas diante do tigre, que parou por um momento, atônito e indeciso.

Aproveitei-me daquele momento. Todos sabiam qual era a condição que eu estabelecera para conceder clemência àquela mulher. Ergui a voz:

- Ela pede clemência, gladiadores! Que seja salva, se for possível.

Esforcei-me para não demonstrar muita pressa, mas o povo também bradava: "Clemência! Clemência!"

O tigre já recuara, antes que eu tivesse falado. Mas não teve tempo para começar o ataque, pois entraram, na arena, um leão, uma pantera e outros animais. As feras soltavam rugidos lúgubres e entreolhavam-se, prontas a disputar a presa. Cercaram Lélia, já sem sentidos, e apenas a inveja recíproca os impedia de começarem a refeição.

Parecia quase impossível salvá-la, embora os gladiadores se lançassem entre os animais ferozes, a fim de dispersá-los. Até que Astartos atirou-se, corajosamente, na direção do leão que, com a língua avermelhada, já lambia o ombro alvo de Lélia.

Então, afastando o animal, com um furioso golpe de punhal, Astartos arrastou Lélia até o interior de uma das jaulas vazias e, depois de acomodá-la, fechou as grades. Lélia estava salva.

Não prestei grande atenção ao resto do espetáculo, durante o qual os gladiadores demonstraram toda sua coragem e habilidade. Alguns deles ali deixaram suas vidas.

Meu pensamento estava em outro lugar. Eu havia ordenado que levassem Lélia para o palácio e, assim que

voltei a este, fui para junto dela, embora já fosse tarde. Ela estava deitada e dormia. Somente, então, constatei o quanto ela estava no limite de suas forças, pois embora eu é que desejasse acordá-la, ela abriu os olhos, com dificuldade, para tornar a fechá-los em seguida, voltando a ficar inerte, como morta.

Permaneci ao lado dela por diversas horas e voltei para casa muito feliz, por ela se haver tão convenientemente ajoelhado diante do tigre.

Ela mesma irá descrever os detalhes de nossa vida em comum. Mencionarei aqui, apenas, que, ao fim de dois anos, ela fugiu em uma embarcação de piratas, que seu irmão havia alugado, para libertá-la. Persegui o navio, que foi, depressa, apreendido. Ordenei que pusessem fogo na embarcação e contemplamos o belo espetáculo de um navio em chamas, no meio do oceano, sob um fundo negro de fumaça. A tripulação lançou-se ao mar, na esperança de salvar-se.

Ordenei aos meus pretorianos que resgatassem Lélia ainda viva, se fosse possível. Eu a vi surgir, em breve, sobre a ponte do navio em chamas, para, em seguida, deixar-se cair ao mar. Meus soldados ali também se lançaram. Fiz com que avançassem minha barca e, pouco depois, minha bela amante, retirada das ondas, foi-me entregue.

Ela debatia-se como louca, na tentativa de soltar-se dos meus braços e lançar-se, de novo, ao mar. Então, tal fúria apossou-se de mim, diante daquela obstinação tão tenaz, que saquei meu punhal e enterrei-o no coração dela. Lélia caiu e permaneceu inerte, encharcada de sangue.

Assim que minha fúria se aplacou, lamentei muito o que havia feito. Eu a levei de volta ao palácio, onde o médico me declarou que ela teria apenas poucas horas de vida. Seu ferimento foi pensado e, em seguida, ordenei a todos que se retirassem. Eu desejava ficar a sós com a moribunda, que havia sido colocada em seus próprios aposentos.

Há momentos em que o tirano mais poderoso, o assassino mais endurecido, experimenta arrependimento e remorso. Foi o que aconteceu comigo, então.

Permaneci sentado, cabeça baixa, junto ao leito sobre o qual ela permanecia estendida, imóvel. Apenas um assóvio rouco escapava-lhe da garganta, e sua respiração lenta, difícil e opressa dava mostras de que o coração encerrava seu último e penoso trabalho. Eu sabia que estava tudo perdido e aguardava seu fim.

Em breve, a respiração de Lélia pareceu cessar, e eu inclinei-me sobre ela. Foi quando vi seus olhos se abrirem, como que em plena consciência. Nossos olhares se encontraram e eu constatei que, a meu ver, a morte nada mudava nela. Sua boca não podia mais falar, mas seus olhos exprimiam todos os seus pensamentos. Um derradeiro brilho de ódio implacável, de esmagador desprezo, envolveu-me. Em seguida, o olhar dela tornou-se velado e a respiração cessou. Coloquei a mão sobre o coração de Lélia e constatei que não batia mais. Ela estava morta.

Que estranho sentimento domina o coração do homem, quando se dá conta de sua impotência diante de um cadáver, cuja imobilidade impassível parece zombar de seu poder!



Eu era Tibério, o futuro imperador! Mas, naquele momento, meu poder havia chegado ao limite. Nem meu amor, nem meu ódio tinham qualquer poder sobre aquela mulher, cujo cadáver, agora, desafiava meu poder!

Sem dúvida, ninguém chegou a suspeitar de meus sentimentos. Deixei a câmara mortuária, impassível, de modo que ninguém pôde ler, em meu semblante, um sinal de emoção ou arrependimento. No entanto, eu estava profundamente entristecido, até o fundo de minha alma.

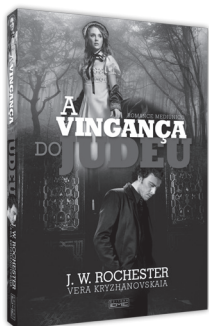
Fiz com que preparassem o mais pomposo funeral para Lélia e, em seguida, retomei minha vida habitual. Não me tornei nem mais, nem menos cruel do que havia sido até então. Fiz com que minha esposa e minha mãe morressem de fome, e, eu mesmo morri asfixiado por aqueles que temiam ver-me viver por mais tempo.

O momento de minha morte pareceu-me um longo atordoamento e, durante certo tempo, não me pude dar conta de minha situação. Por fim, compreendi que havia deixado a Terra, e, errando pelo espaço, vi muitas personagens poderosas que, relegadas à solidão, gemiam amargamente.

Eu mesmo vi passar perto de mim todas as minhas vítimas. Todos aqueles, em quem minha crueldade se havia saciado diante de seus sofrimentos, vieram enfileirar-se junto a mim, e havia ali toda uma multidão. Lélia, também, não faltou! E, desde então, a despeito de tantas provas e expiações, século após século, combatemos nossas más paixões, até o momento em que, abrandados e desiludidos, seremos capazes de nos amar com um sentimento cristão, assim como o prescreve o Julgamento de Deus.

Mas, até o momento presente, as más paixões despertam em nós um ódio recíproco, talvez um pouco menos intenso que no passado, mas que permanece latente sob as cinzas dos séculos e desperta, sempre, a cada uma de nossas existências terrestres.

# VOCÊ PRECISA CONHECER:



## A vingança do judeu

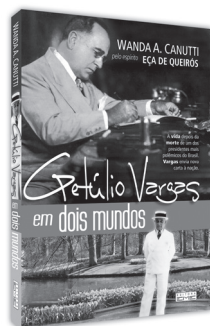
Vera Kryzhanovskaia • J. W. Rochester (espírito)  
Romance mediúnic • 16x22,5 cm • 424 páginas

O clássico romance de Rochester agora pela EME, com nova tradução, retrata em cativante história de amor e ódio, os terríveis fatos causados pelos preconceitos de raça, classe social e fortuna e mostra ao leitor a influência benéfica exercida pelo espiritismo sobre a sociedade.

## Getúlio Vargas em dois mundos

Wanda A. Canutti • Eça de Queirós (espírito)  
Romance mediúnic • 16x22,5 cm • 344 páginas

Getúlio Vargas realmente suicidou-se? Como foi sua recepção no mundo espiritual? Qual o conteúdo da nova carta à nação, escrita após sua desencarnação? Saiba as respostas para estas e outras perguntas, agora em uma nova edição, com nova capa, novo formato e novo projeto gráfico.



## O faraó Merneftá

Vera Kryzhanovskaia • J. W. Rochester (espírito)  
Romance mediúnic • 16x22,5 cm • 304 páginas

O que realmente ocorreu quando Moisés libertou o povo judeu da escravidão e do exílio? O que ele e os hebreus fizeram para conseguir isso? Como foi a resistência dos egípcios? O livro traz “episódios que ajudarão a esclarecer esse passado remoto, envolto no véu dos séculos”.

*Não encontrando os livros da EME na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você através de*

*Fones: (19) 3491-7000 / 3491-5449*

*(claro) 99317-2800 (vivo) 99983-2575 ☎*

*E-mail: vendas@editoraeme.com.br – Site: www.editoraeme.com.br*